

Tatiane Rebelatto¹

Entre instalações, esculturas, performances e ensino das artes: entrevista com a professora-artista Andréa Stanislav²

Between installations, sculptures,
performances and teaching of the
arts: interview with artist-teacher
Andréa Stanislav

Entre instalaciones, esculturas,
performances y enseñanza de las
artes: entrevista con la profesora-
artista Andréa Stanislav

Resumo

O presente texto³ trata-se de uma entrevista com a professora e artista visual Andréa Stanislav. Primeiramente, ela contou sobre o início da sua carreira nas Artes Visuais, as escolas que frequentou, os artistas com os quais teve aula e seu interesse pela fotografia, instalação e performances. Após, comentou sobre sua atuação como docente em uma instituição que possui um percurso interdisciplinar e contou um pouco sobre os desafios de ministrar aulas de escultura por meio das plataformas digitais. Ao final, enviou algumas imagens do trabalho atual, o qual se relaciona com o contexto pandêmico.

Palavras-chave: ensino das artes visuais; produção artística; professora-artista.

Abstract

This text is an interview with the teacher and visual artist Andréa Stanislav. First, she speaks about the beginning of her career in Visual Arts, the schools she attended, the artists she had classes with and her interest in photography, installation and performances. After commenting on her work as a teacher in an institution that has an interdisciplinary path, she talks a little about the challenges of teaching sculpture classes using digital platforms. In the end, she sends some images of the current work, related to the pandemic context.

Key-words: teaching of visual arts; artistic production; teacher-artist.

Resumen

Este texto es una entrevista con la profesora y artista visual Andréa Stanislav. Primero, habló sobre el comienzo de su carrera en Artes Visuales, las escuelas a las que asistió, los artistas con los que tenía clases y su interés por la fotografía, la instalación y las performances. Posteriormente, comentó su desempeño como docente en una institución que tiene una trayectoria interdisciplinaria y contó un poco sobre los desafíos de impartir clases de escultura a través de plataformas digitales. Al final, envió algunas imágenes del trabajo actual, que está relacionado con el contexto de la pandemia.

Palabras clave: enseñanza de las artes visuales; producción artística; profesora-artista.

¹ Graduada em Artes Visuais – UFSM/RS, é mestra em História UDESC/PPGH e atualmente é doutoranda na mesma instituição, no programa de pós-graduação em Artes Visuais. Bolsista Capes-DS. E-mail: tatirebelatto@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1171169963129518> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9654-8550>

² O texto foi revisado por Alexey Kurilenko. Doutorando no programa de pós-graduação em Estudos da Tradução – PGET/UFSC. E-mail: alxakrus@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9517324343165485>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2400-8018>.

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



Fig. 1 - Professora-artista Andréa Stanislav. Foto Chaz Mottinger. Fonte: Universidade de Indiana (2018).

Andréa Stanislav nasceu em Chicago, mas vive entre Nova York e São Peterburgo na Rússia. Realizou sua graduação em Belas Artes no Instituto de Artes de Chicago e seu mestrado, também em Belas Artes, na Universidade Alfred em Nova York. Além de transitar por esses lugares produzindo e expondo suas obras, é professora associada de Escultura na Escola de Arte, Arquitetura e Design de Eskenazi, na Universidade de Indiana em Bloomington/EUA, uma escola onde as três áreas se misturam com o intuito de oferecer uma formação interdisciplinar. Quando ingressou na universidade como docente, em entrevista, Andréa comentou que o interdisciplinaridade também está fora da academia e complementou dizendo que “Estamos em um momento em que há necessidade de uma nova definição do que as Artes Visuais podem ser, [...]”. (STANISLAV, 2018)¹. A articulação de diferentes áreas e expressões também está presente na sua produção como artista visual. Em suas intervenções, grande parte delas realizadas em espaços públicos, misturam *performance*, fotografia, escultura e mídias digitais².

¹ “We’re at a point where there is a need for new definition of what the visual arts can be, [...]” (STANISLAV, 2018, tradução nossa). Disponível em: <https://soaad.indiana.edu/news/2018/2018-08-20-iu-news-campus-life.html>.

² Seus trabalhos podem ser visto no seu site: www.andreastanislav.com.



Fig. 2 - Instalação *Convergence Infinité*³ que compôs a exposição individual realizada no Museu de Arte de Saint Louis/EUA, 2016.
Foto: Tony Carosella. Fonte: Andréa Stanislav (2020).

O contato com a professora-artista ocorreu através do centro cultural Pushkinskaya-10 de São Petersburgo na Rússia que possui um programa de residência artística chamado *SPB ArtResidence*, o qual acolhe artistas do mundo todo. Na ocasião, planejando uma estadia no centro cultural e acompanhando as mostras virtuais dos atuais artistas residentes, interessei-me pelos trabalhos de algumas professoras-artistas que estavam participando. Ao entrar em contato com elas para realizar uma entrevista, Andréa retornou dizendo que aceitaria responder algumas questões. A breve entrevista foi estruturada em torno de questões que envolvem o início do seu percurso pelas Artes Visuais, sua atuação como professora-artista e, sobretudo, sua atuação no meio artístico e acadêmico em meio à pandemia.

Agradeço à professora-artista Andréa que em meio a esse contexto de isolamento social e a sobrecarga de trabalho com o final do ano letivo e também em meio a sua produção artística, por ter reservado um tempo para responder algumas questões. Muito obrigada.

Tatiane Rebelatto: Poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória nas Artes Visuais, onde estudou e quais expressões artísticas mais lhe interessaram?

Andréa Stanislav: Meu interesse pelas Artes Visuais começou cedo, lembro-me de desenhar muito aos três anos. Minha mãe tinha livros de arte sobre a mesa, sobre pintura e fotografia, especialmente sobre Bruegel, Bocsh e Georgia O'Keeffe, que eu

³ Outras informações sobre a obra, disponível em: <https://www.andreastanislav.com/convergence-infinit>

olhava obsessivamente. Minha mãe também me encorajou fortemente a desenhar e quando eu estava no jardim de infância, minha professora me deixou desenhar em vez de sair para brincar com as outras crianças durante o recreio, isso foi algo que continuei a fazer durante a escola primária. Quando eu estava na terceira série meu professor sugeriu que eu estudasse com um professor particular de arte, onde aprendi a pintar paisagens e trabalhar com aquarela.

Cresci em uma família de músicos e esperava-se que eu fosse para a escola de música. Fui musicista, trombonista infantil. Quando chegou a hora de ir para a faculdade, eu tive uma bolsa de estudos na Escola do Instituto de Arte de Chicago, então frequentei o Instituto de Arte para meu BFA⁴ (em vez de ir para a escola de música). No Instituto de Arte estudei com o famoso pintor de imagens de Chicago Carl Wirsum por quatro anos e estudei quatro anos de história da arte renascentista com Sir Robert Loescher. Através do Prof. Loescher conheci o cineasta de vanguarda Kenneth Anger.

Além da pintura e da história da arte me interessei pela arte performática e a fotografia, e acabei me formando com uma exposição em instalação de cerâmica. Depois de me formar, comecei em seguida a exibir minhas instalações em grande escala e fiz minha primeira mostra individual aos 24 anos em Nova York, depois na Galeria 14 de Escultores e na Galeria Amos Enos. Nessa época eu também estava envolvida profissionalmente com a arte performática, fazia parte do grupo de performance *Rubber Bullet* e estava trabalhando como uma artista, em exposições no *Field Museum of Natural History*, onde aprendi como criar ilustrações científicas em 3D e fazer moldes e fundição. Mudei-me para a cidade de Nova York e recebi uma bolsa integral para a Escola de Arte e Design da Universidade Alfred, realizei uma especialização em escultura e vídeo-instalação. Sempre fui fortemente influenciada por cineastas como Antonioni, Fellini e Tarkovsky⁵. A mistura entre cinema, música e arquitetura se tornaram expressões-chaves para meu trabalho de instalação imersivas.

TR: Em relação à sua carreira docente, você está vinculada à Universidade de Indiana em Bloomington⁶, na Escola de Arte, Arquitetura e Design Eskenazi, uma escola que se define como interdisciplinar. Quais disciplinas você ministra e em qual curso? Pode comentar sobre o percurso formativo dos estudantes dessa instituição?

AS: Eu ensino Arte Pública e Intervenção, seminários no mestrado em Belas Artes e aulas de Instalação e Introdução à Escultura. Os alunos se graduam em Artes Plásticas, Design ou Arquitetura. Estamos criando mais aulas híbridas que combinem com as disciplinas criativas.

4 A entrevistada se refere à sua graduação - Bacharelado em Belas Artes.

5 Refere-se aos cineastas: Federico Fellini (1920-1993/italiano), Michelangelo Antonioni (1912-2007/italiano), Andrei Tarkovsky (1932- 1986/russo)

6 Essa universidade foi fundada em 1820 pelo estado americano, oito anos após se chamou Colégio Indiana e em 1830 passou a se chamar Universidade de Indiana. Conforme informações do site da instituição, as escolas relacionadas à área de artes surgiram a partir de 1920. A primeira foi a escola de música, após foi criado o museu de arte da universidade. Em 2016 esse museu foi renomeado, tornou-se Museu de Arte Sidney e Lois Eskenazi, homenageando o casal que financiou a reforma do local. Nesse mesmo ano surgiu a Escola de Arte, Arquitetura e Design Eskenazi. Atualmente ela é dividida em 14 áreas: pintura, escultura, arquitetura, fotografia, gravura, design de moda, interiores, produtos e design abrangente. Há também as áreas de cerâmica, metalurgia e design de jóias, arte digital, fibras e merchandising. Informações sobre a universidade e a escola de artes pode ser visto em: <https://soaad.indiana.edu/about/centers/index.html>.

TR: Para você, qual a importância e a contribuição desse ensino interdisciplinar e/ou transdisciplinar?

AS: O ensino transdisciplinar e interdisciplinar é uma resposta e promove a evolução das práticas criativas do presente - a maneira como pensamos, questionamos, percebemos e projetamos o mundo hoje.

TR: No curso de pós-graduação ao qual estou vinculada há várias pesquisas que tratam sobre a atuação do professor-artista. São discussões em torno da atuação e a formação de professores que também são artistas visuais. Seria interessante saber como você se percebe, como você combina o fazer artístico com o ensino das artes visuais. Como é essa relação para você e na instituição que trabalha?

AS: Sempre me identifiquei como uma professora-artista, no sentido de que para ensinar artes plásticas é preciso viver e experienciar em primeira mão a disciplina que se está ensinando, caso contrário não tenho por que estar em sala de aula. A atuação como professora e artista em meus cursos é ensinada a partir da minha vida e da minha experiência profissional. Estou conscientizando os meus alunos que eles têm a responsabilidade, como artistas de responder ao tempo em que vivem por meio de sua prática, conscientizando os outros sobre o presente por meio de sua arte.

Eu também falo para eles que frequentar a escola de artes é o começo, sua educação nunca termina, mas continua fora da sala de aula no mundo profissional, trabalhando em produções de galerias, de museus e em estúdios de artistas. Tenho meus alunos engajados, como artistas profissionais em seus estúdios, recebendo críticas combinadas com observação rigorosa, enquanto questionam por que estão fazendo e qual é a sua arte, contribuindo para uma conversa mais ampla. Meu estúdio e sala de aula atualmente não se fundem em uma experiência física porque estão em duas cidades diferentes. Mas deixo meus alunos cientes da minha prática criativa e projetos que desenvolvo por meio de palestras e apresentações. Em instituições anteriores onde ensinei, meus alunos fizeram parte da minha prática de estúdio, trabalhando como pesquisadores e assistentes de estúdio. Alguns dos meus colegas são artistas e professores, outros são arte educadores dedicados. Alguns de meus colegas dão aulas introdutórias e aulas transdisciplinares, outros não.

TR: Quanto ao seu papel como professora em meio à pandemia causada pela Covid-19, o que mais mudou? Você pode nos contar um pouco sobre como eram suas aulas antes da pandemia? Quais as dificuldades no ensino de disciplinas em que a prática e o contato entre os alunos estão sendo mediados pelas tecnologias? Como os alunos reagiram a essa situação, como estão lidando com o isolamento social?

AS: Ensinar escultura é um fazer prático, de lidar com o espaço e as vezes com experiências imersivas. Antes da pandemia, os debates críticos eram fundamentais para as aulas, com a pandemia, tornaram-se ainda mais centrais para as aulas ministradas por vídeo-conferência. O último semestre foi agravado pelo fato de que nosso

departamento de escultura estava se mudando e devido ao Covid-19 foi adiado até a metade do semestre, de modo que os alunos não tinham estúdios para trabalhar e mesmo os cursos sendo listados como um curso híbrido.

Criei projetos voltados para a terra - arte e performance, sugerindo para alunos trabalhar ao ar livre, com objetos encontrados e performance, além disso havia um forte enfoque nas aulas de história da escultura, na escultura contemporânea e um enfoque no discurso da documentação. Descobri que ministrar seminários online na pós-graduação em belas artes era relativamente bem-sucedido em termos de discussão, mas era difícil ver os detalhes materiais dos projetos. Descobri que os alunos ficavam muito ansiosos para participar, mas com frequência sofriam de depressão, precisando de dias de descanso.

Criei projetos voltados para a terra - arte e performance, sugerindo para alunos trabalhar ao ar livre, com objetos encontrados e performance, além disso havia um forte enfoque nas aulas de história da escultura na escultura contemporânea e um enfoque no discurso da documentação. Descobri que ensinar on-line para meus seminários na pós-graduação em belas artes era relativamente bem-sucedido em termos de discussão, mas era difícil ver os detalhes materiais de seus projetos. Descobri que os alunos ficavam muito ansiosos para participar, mas também, com frequência, sofrem de depressão, precisando de dias de folga.

TR: Observando suas obras de instalações que envolvem projeções, esculturas em espaços públicos e também sua participação em residências artísticas, como tem sido para você produzir em meio ao isolamento social? Quais são os desafios e dificuldades que você encontrou em seu processo criativo?

AS: Tenho trabalhado em várias exposições, em museus, durante a pandemia, então a possibilidade de estar em meu estúdio com mais frequência tem sido bastante produtiva. Os pedidos de materiais e suprimentos estão demorando mais, pois certos materiais não estão sendo produzidos em grandes quantidades ou estão com escassez de suprimentos - como os acrílicos. Também tem sido difícil não ter ajuda disponível no meu estúdio para trabalhar.

TR: Você está desenvolvendo alguma produção neste período de isolamento? Se sim, você pode nos contar um pouco sobre o trabalho e nos mostrar algumas imagens?

AS: Estou trabalhando em uma exposição individual - *Surmatants (Mars Rising)* para o *Mattress Factory* Museu de Arte Contemporânea em *Pittsburg - Pensilvânia*. Esta será uma instalação de mídia imersiva em colaboração com o compositor contemporâneo nova-iorquino Jesse Gelaznik e a trupe de dança *Tamburitzan*. Recentemente terminamos de filmar o componente de vídeo multicanal para a instalação, baseada na experiência pandêmica e na obra *A dança Macabra* de Bernt Notke.⁷

⁷ A Dança Macabra é uma pintura onde um grupo de pessoas dança envolta de túmulos. Essa obra foi realizada pelo pintor alemão Bernt Notke, no final do século XV, na capela de São Nicolau na Estônia. Fonte: <https://brewminate.com/danse-macabre-the-medieval-dance-of-death/>.

À seguir, algumas imagens do trabalho mencionado, enviadas pela entrevistada.



Fig. 3 e 4 - imagens da obra Dança Macabra. 2020. Fonte: Arquivo da entrevistada.



Fig. 5 - imagens da obra Dança Macabra. 2020. Fonte: Arquivo da entrevistada.